



Esta obra possui uma Licença

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/11085>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v16i26.11085>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 16 | N. 26 | Jun., 2022, pp. 95-114

Submissão: 02/10/2021

Aprovação: 05/01/2022

## PESQUISAS SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO: TENTATIVAS DE VER, REVER E 'TRANSVER' O MUNDO

### RESEARCH ON GENDER AND SEXUALITIES IN EDUCACION: ATTEMPTS TO SEE, REVER THE WORD

Constantina XAVIER FILHA  

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo descrever pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (Gepsex), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). As pesquisas fundamentam-se teórico-metodologicamente nos Estudos de Gênero, Estudos das sexualidades, Estudos Feministas, Estudos Culturais e em pressupostos foucaultianos, na perspectiva pós-crítica e pós-estruturalista. Buscou-se pensar as pesquisas a partir de fragmentos de poesias de Manoel de Barros para discutir questões como: desconstrução de verdades únicas; resistências no cotidiano e no fazer pesquisa; transitoriedade do conhecimento científico; questionamentos sobre significados da linguagem como produção de realidades e subjetividades e de pensar sobre o micro em detrimento das meta-narrativas.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Gênero. Sexualidade. Educação.

**Abstract:** *This article aims to describe research carried out within the Group of Studies and Research in Sexualities, Education and Gender (Gepsex) at the Faculty of Education of the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS). The researches are theoretically-methodologically based on gender studies, sexuality studies, feminist studies, cultural studies and on Foucault's assumptions, in a post-critical and post-structuralist perspective. We sought to think the research based on fragments of poetry by Manoel de Barros to discuss issues such as: deconstruction of unique truths; resistance in daily life and in doing research; transience of scientific knowledge; questioning the meanings of language as the production of realities and subjectivities and thinking about the micro at the expense of meta-narratives.*

**Keywords:** *Research. Genre. Sexuality. Education.*

<sup>1</sup> Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na Faculdade de Educação. Possui doutorado em Educação pela FEUSP, mestrado em educação pela UFMS e pós-doutorados pela UNICAMP e pela UNIRIO. Desenvolve pesquisas nas áreas de gênero, sexualidade e direitos humanos. Desde o ano de 2010 desenvolve projetos de pesquisa e extensão em escolas públicas municipais de Campo Grande / MS produzindo coletivamente filmes de animação com crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental. É líder-coordenadora do GEPSEX - Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero. E-mail: [tinaxav@gmail.com](mailto:tinaxav@gmail.com)

**TENTATIVAS DE VER, REVER E ‘TRANSVER’ O MUNDO NO FAZER PESQUISAS**

*Eu queria usar palavras de ave para escrever.  
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.  
Ali a gente brincava de brincar com palavras  
tipo assim: Hoje vi uma formiga ajoelhada na pedra!  
A Mãe que ouvira a brincadeira falou:  
Já vem você com suas visões![...]  
O menino tinha no olhar um silêncio de chão  
e na sua voz uma candura de Fontes.  
O Pai achava que a gente queria desver o mundo  
para encontrar nas palavras novas coisas de ver  
assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do  
rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão de uma pedra.  
Eram novidades que os meninos criavam com as suas palavras.*  
MANOEL DE BARROS

As poesias de Manoel de Barros me acompanham nos deleites da fruição nos meus poucos momentos de ócio e para pensar e repensar minha prática pedagógica na universidade, na tríade de atividades que envolve ensino-pesquisa-extensão. Desde os anos 2015, venho escrevendo<sup>2</sup> sobre minhas práticas de pesquisa, de orientação, das ações do Grupo de Estudos e Pesquisa – o Gepsex –, do qual sou líder-coordenadora na Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

96

Inspiro-me nas poesias de Manuel para rever minha prática pedagógica e de pesquisa, para pensar e repensar o que parece óbvio para muitas pessoas, para desfrutar dos momentos de questionamento e discussão que regularmente eu e parceiras/os do grupo de estudos nos propiciamos para compor palavras e silêncios.

Gostaria, como o poeta, de “usar palavras de ave para escrever” e de “brincar com palavras” e fazer “traquinagem com minha imaginação”. Gostaria, sobretudo, de “desver o mundo”. O poeta ressalta, em uma de suas poesias, que “era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente sem lado” e, ainda, que “a gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias”. Sei que me faltam palavras poéticas para “escrever como ave”, com a sua leveza; mesmo assim, a poesia me inspira, assim como instigou minha prática de pesquisa e orientação, na

<sup>2</sup> XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidades e gênero como campos teórico-políticos: desejo de “desver” o mundo. In: FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira; LIBÂNEO, José Carlos. *Pós-graduação e pesquisa em educação: contradições e desafios para a transformação social*. Goiânia, GO: Editora PUC Goiás, 2016a; XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidades e gênero: o respeito às coisas consideradas ‘desimportantes’ para ‘desver’ o mundo. In: SILVA, Fabiany de Cássia Tavares; MIRANDA, Marília Gouvea de (Org.). *Escrita da pesquisa em educação no Centro-Oeste*. Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2016b; XAVIER FILHA, Constantina; STEFANELLI, Francisca Alves da Silva; SOUZA, Samuel da Silva. Sexualidades e gênero em pesquisas: respeito às coisas consideradas ‘desimportantes’ para ‘desver’ e ‘transver’ o mundo. In: MARTINS, Bárbara Amaral; Rückert, Fabiano Quadros; SANTOS, Fabiano Antonio (Orgs.). *Temas e práticas em educação social no estado de Mato Grosso do Sul*. Curitiba [PR]: CRV, 2020.

graduação e na pós-graduação, a pensar e a repensar minhas/nossas trajetórias de estudos e pesquisas para as poder compartilhar, socializar e, com isso, pensar os campos teóricos que me movem há algumas décadas.

A trajetória do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (Gepsex) está diretamente relacionada à minha prática como docente e pesquisadora na UFMS. O grupo foi criado em 2005 e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil do CNPq. Diferentemente de outros grupos, este não se atrelava, em sua origem, à pós-graduação. Surgiu vinculado ao ensino e à extensão universitária. Teve seu início provocado por demanda de estudos e pesquisas com acadêmicas/os de Pedagogia e professoras/es de escolas públicas que participavam de projetos de extensão. Ao longo dos anos, foi incorporando pós-graduandas/os e ações no âmbito da pós-graduação.

Por seu caráter ligado ao ensino e à extensão, desde os primeiros encontros, o propósito foi adequar os horários e a dinâmica dos encontros presenciais às demandas de seus membros. Em sua maioria, os encontros se realizavam à noite, no final da tarde e em finais de semana, justamente para acolher as pessoas estudantes e trabalhadoras. Sua dinâmica de estudos mudou ao longo dos anos. Houve tempos em que nos propusemos discutir as temáticas de gênero e sexualidade a partir de curtas e longas-metragens, com debate e estudo de textos que versavam sobre metodologias de pesquisas pós-críticas; pesquisas com crianças; textos legais e oficiais sobre educação sexual; educação para a sexualidade; educação para a diversidade sexual e feminismos, dentre outros.

O grupo, então formado, teve, e tem, por finalidade propiciar espaço para discussões e estudos em momentos sistematizados, de formação inicial e continuada de acadêmicas/os (e de ex-acadêmicas/os) da UFMS, especialmente do curso de Pedagogia, além de outros cursos dessa instituição (como Ciências Sociais, Psicologia), das/os estudantes do programa de pós-graduação em Educação e docentes das redes públicas e particulares de ensino, constituindo-se também como espaço de pesquisa.

As atividades do grupo guiaram-se pelos eixos previstos para as ações da universidade: ensino-pesquisa-extensão. No ensino, o grupo constitui um espaço de formação para seus membros, seja de integrantes da comunidade acadêmica da instituição de ensino superior, seja para pessoas interessadas em estudar, sobretudo professoras e professores da rede pública de ensino. Leituras e estudos de textos, conceitos e pressupostos teóricos constituíram a tônica dos encontros sistemáticos do grupo. Muitas das pessoas que atualmente o integram são orientandas/os, ex-orientandas/os, professoras e demais pessoas interessadas nas temáticas de gêneros, sexualidades, diferenças e

direitos humanos no campo da educação. O grupo também atuou nos projetos de extensão universitária e, sobretudo, nas ações de pesquisa. As investigações que coordenei durante esses anos contou com muitas pessoas, membros do grupo que foram bolsistas e/ou voluntárias/os das pesquisas, mais um elo que nos uniu durante todo esse tempo, fato que me leva a agradecer imensamente a todos/as por todas as contribuições.

No decorrer desses anos de trajetória do grupo, ao final do ano, realizamos periodicamente um seminário para o curso de Pedagogia e para a comunidade acadêmica da UFMS, com o propósito de socializar conhecimentos estudados pelo grupo, convidando pesquisadoras/es para o aprofundamento teórico.

A seguir, passo a detalhar as pesquisas realizadas e por mim coordenadas, bem como os estudos e investigações sob minha orientação; posteriormente, ressalto alguns conceitos teóricos e pressupostos teórico-político-acadêmicos das pesquisas pelos quais me tenho aventurado com o referido grupo, ressaltando o compromisso ético, político e acadêmico com as temáticas que muitas pessoas consideram “intoleráveis”, “desnecessárias”, “desimportantes”... sobre gente culturalmente designada como “desimportante”... As pesquisas fundamentam-se teórico-metodologicamente nos Estudos de Gênero, Estudos das sexualidades, Estudos Feministas, Estudos Culturais e em pressupostos foucaultianos, na perspectiva pós-crítica e pós-estruturalista de conhecer.

Antes de iniciar a descrição das pesquisas realizadas nessas últimas décadas, urge destacar a utilização de alguns termos. Quando priorizamos o referencial teórico das categorias e dispositivos teórico-históricas-culturais de Gênero e Sexualidade, escrevemo-las com letras maiúsculas para legitimar esses campos de estudos tão atacados nos últimos anos pelas ofensivas antigênero, inclusive quando negam que o que estudamos seja ciência. Quando nos reportamos à temática da diversidade de gêneros, de sexualidades, ou quando nos reportamos às identidades e subjetividades, optamos<sup>3</sup> por escrevê-las em letra minúscula e no plural. A opção pela grafia não é simplesmente protocolar, mas tem em vista demarcar os campos teóricos e as possibilidades múltiplas de se reportar à pluralidade e à multiplicidade dos sujeitos.

---

<sup>3</sup> No decorrer do texto, utilizo a primeira pessoa do singular e também a primeira do plural, porque, quase sempre, não consigo pensar a pesquisa de forma individual. Todas as minhas atividades na universidade, nos eixos do ensino-pesquisa-extensão, compreendem minhas ações e as de muitas outras pessoas às quais agradeço imensamente pela colaboração e carinho ao longo de tantos tempos, mesmo que algumas tenham atuado de forma pontual e durante um curto tempo em algumas das ações desenvolvidas.

## LIVROS INFANTIS COMO ARTEFATOS CULTURAIS EM PESQUISAS

Passo a descrever as pesquisas que coordenei e realizei em minha trajetória como pesquisadora na UFMS desde que assumi a função na instituição no ano de 1999, na Faculdade de Educação. Descrevo as pesquisas a partir de dois agrupamentos: o das pesquisas que tiveram por propósito analisar os livros como artefatos culturais e o das pesquisas-intervenção com crianças para a produção de ideias, pensamentos e artefatos culturais: livros e filmes de animação.

Livros com as temáticas de gênero e sexualidade tornaram-se objeto e fonte das minhas pesquisas a partir do ano de 2000, período em que iniciei a primeira pesquisa na universidade como docente. Utilizei como fontes, para tal estudo, 18 livros infantis, disponíveis para venda na cidade de Campo Grande, capital do estado. Na época, a investigação, intitulou-se “*A sexualidade nos livros infantis: a mediação no processo de educação sexual*” (2001), foi impulsionada por uma constante procura de alunas do curso de Pedagogia, que solicitavam listas e indicações de livros para serem trabalhados com as crianças, em especial os que privilegiassem temas considerados “delicados” para serem tratados com elas. Naquele período, ensaiei, junto com duas alunas do curso de Pedagogia, uma experiência de pesquisa com crianças, visando à elaboração coletiva de um livro infantil. Entretanto, essa tentativa não obteve êxito. Apesar da falta de sucesso, persistiu o desejo de estudar livros infantis e de escrever um, para e com as crianças, algo que ocorreu muitos anos depois.

Era comum, à época, que as educadoras sonhassem com um “livro ideal” a ser indicado para a/o filha/o, tanto para ser lido privadamente, quanto para ser usado na prática pedagógica com alunas/os. Também faziam questionamentos sobre as obras e sobre a relação com a faixa etária das crianças. Essas e outras questões me levaram a realizar tal investigação, fazendo dos livros para a infância importantes objetos e fontes de análise.

A segunda pesquisa sobre livros como fontes ocorreu logo após meu retorno da licença para cursar o doutorado em educação. Regressei com o desejo de continuar estudos focados nas áreas da história e da historiografia da educação, o que acabei realizando na Faculdade de Educação da USP. Submeti o projeto a um edital da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia (Fundect), do estado de Mato Grosso do Sul, que foi aprovado. Foquei, nessa pesquisa, nos livros voltados à infância e livros a um público adulto interessado em “aprender” a educar a infância. Desse modo, coordenei a pesquisa “*Já é tempo de saber...: a construção discursiva da educação sexual em manuais e em livros infanto-juvenis – 1930 a 1985 do século XX*” (2006-2009). De natureza teórica, a investigação teve como fontes produções bibliográficas que tratavam de temas

como sexualidade, educação sexual e gênero, editadas e publicadas no Brasil no período de 1930 a 1985. Com isso, a intenção era: a) realizar levantamento bibliográfico em acervos brasileiros; b) analisar os discursos produzidos e veiculados pelos livros e manuais selecionados; c) produzir um catálogo digital em formato de CD-Rom das indicações bibliográficas dos livros selecionados e analisados para subsidiar futuras consultas e/ou pesquisas.

Os pressupostos metodológicos basearam-se em coleta, seleção e análise de obras selecionadas. O total de livros coletados foi de 361, parte deles indicados para o público adulto (denominados manuais) e parte infanto-juvenis, para crianças e adolescentes. A pesquisa apresentou algumas discussões; dentre elas, alguns destaques a fazer:

- os livros são instrumentos férteis para a constituição de dispositivo pedagógico com vistas a orientar a conduta de crianças e também a de adultas/os;
- a linguagem impositiva, normativa e prescritiva constitui um dos elementos fundamentais do dispositivo pedagógico, que faz com que os livros infanto-juvenis e os manuais se tornem instrumentos úteis;
- itens encontrados na ordem do discurso nas fontes analisadas: foco em condutas diferenciadas e idealizadas para meninas e meninos; determinação da abordagem biológica, religiosa e psicológica em relação à sexualidade; ausência de temas como homossexualidade e formas diferenciadas de vivências da masculinidade e da feminilidade nos livros infanto-juvenis;
- por fim, acentuado aumento de publicações para o público infanto-juvenil no período analisado, especialmente a partir da década de 1970.

Em continuidade a essa pesquisa, sob minha coordenação, foi realizado outro estudo, desta vez somente com livros para a infância. A pesquisa “*Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças*” (2008-2012), com apoio do CNPq, se desenvolveu a partir de dois eixos teórico-metodológicos: o bibliográfico e o da pesquisa com crianças. O primeiro, tinha o intuito de coletar, analisar e catalogar livros para a infância com temáticas sobre sexualidades, gênero e diversidades/diferenças. O segundo, com crianças, o de propiciar momentos de reflexão e questionamento sobre as temáticas centrais do projeto mediadas por livros, e produzir coletivamente materiais educativos para/com as crianças. Os livros, fontes do estudo, totalizaram 500 títulos, publicados no Brasil de 1930 até 2010. Foram selecionados *in loco*, ou seja, em bibliotecas públicas e particulares de vários locais (Mato Grosso do Sul; São Paulo; Campinas e Rio de Janeiro) e também na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Além disso, foram adquiridos, em livrarias, livros novos e usados (compra pessoal e *on-line*), afora pesquisas em *sites* de editoras de livros infantis.

Os livros para a infância representaram fontes de pesquisa e sempre foram uma paixão de minha parte. Constituem um artefato cultural importante para se pensar como há elementos

adultocêntricos presentes na escrita e, como consequência, em sua escolha do público das crianças. Essa questão me intrigou a tal ponto que me impus levar essa problemática para ser pensada com as crianças, apresentar-lhes alguns dos livros coletados, discutir com elas sobre seus textos e ilustrações, pensar como poderia ser um material que pudesse dialogar com seus cotidianos, seus sentimentos, e provocar nelas novas formas de pensar. Foi com esse intento que passei a realizar pesquisa-intervenção com crianças. Nessa trajetória, além de aliar a paixão pelos livros, também incluí, nessa grande rede afetiva, o cinema de animação, outra enorme paixão... trajetória que passo a detalhar a seguir.

## 2.1 Pesquisas com crianças

Com a anteriormente citada pesquisa “*Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças*” (2008-2012), com apoio do CNPq, que continha como eixos a análise dos livros, e outro com encontros com as crianças, deu-se início a um processo de pesquisa-intervenção com elas numa escola pública municipal de Campo Grande. Assim, nessa e nas posteriores pesquisas com o mesmo público, “navegamos no mar de complexidade” (GASTALDO, 2012, p. 10), o que nos levou a colocar em xeque todo o processo, incluindo a nós próprias, como pesquisadoras, numa trajetória labiríntica de discussões, problematizações, inquietações. Percorremos a longa caminhada por terrenos movediços de incertezas, dúvidas; tivemos de pensar o impensado, de estranhar o que era aparentemente sabido e “comum”.

Antes de falar especificamente sobre tal pesquisa, devo informar ter realizado outras duas, que também contavam com a participação efetiva das crianças, mas sem utilizar a metodologia da pesquisa-intervenção.

Para articular a formação inicial e as representações das crianças sobre os temas focados, realizamos a pesquisa “*Sexualidade(s) e gênero em artefatos culturais para a infância: pesquisas com crianças no âmbito de disciplinas do curso de graduação em Pedagogia/UFMS*” (2008-2013), sob minha coordenação. O estudo teve por objetivo analisar artefatos culturais para a infância. Utilizamos relatos de experiências e informações coletadas em relatórios que tiveram por fonte projetos, relatórios e depoimentos de acadêmicas/os de curso de graduação em Pedagogia, habilitação para educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental. Tais fontes foram produzidas no âmbito de disciplinas que ministrei de 2006 a 2013, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *campus* Campo Grande/MS. Os resultados permitiram refletir sobre o tipo de infância que

se estava constituindo e de como ela própria ressignifica o mundo e a si, além de repensar a formação docente a partir de questões concretas de suas vivências e representações. Nessa pesquisa, ficou evidente a relação entre ensino-pesquisa, ou seja, o quanto minhas práticas de ensino alimentam a minha experiência como pesquisadora. Vale destacar que no processo de ensino em que se articulam as ações de pesquisa, temos, desde o ano de 2000, na Faculdade de Educação da universidade, uma disciplina obrigatória de Educação, Sexualidade e Gênero (68h/a), no curso de Pedagogia. Nessa disciplina, discutimos os conceitos teóricos que constituem pauta nos Estudos de Gênero e Sexualidade e contribuimos com elementos e discussões das pesquisas realizadas. O mesmo também acontece em momentos de extensão universitária com a formação docente e com as pesquisas com as crianças.

Para estudar a temática da violência contra a criança, promovi e coordenei, junto ao grupo de extensão com o qual trabalhava à época, a pesquisa “*Violências contra crianças e adolescentes: representações de educadores/as e alunos/as de escolas municipais de Campo Grande/MS que participaram do projeto Escola que Protege*” (2007-2013). Este trabalho, de cunho empírico, teve por propósito questionar as concepções de educadoras/es e gestoras/es de escolas municipais de Campo Grande sobre as múltiplas violências cometidas contra alunos dessa faixa na escola e fora dela, bem como coletar informações sobre o processo de desenvolvimento do projeto de extensão intitulado “*Escola que protege: a escola como espaço de identificação e prevenção de violência sexual contra crianças e adolescentes – Campo Grande/MS – ações de continuidade*” (2007). O levantamento se valeu de questionários, com questões fechadas e abertas, voltadas a docentes e gestoras/es de escolas municipais do município de Campo Grande/MS, e a cursistas daquele projeto de extensão. Também foram aplicados questionários abertos com alunas/os do 9º ano do ensino fundamental, as/aos quais se pediu para escrever sobre situações de violência vistas e/ou presenciadas dentro e fora da escola e desenhá-las. O questionário foi realizado coletivamente com o grupo de cursistas do projeto e aplicado por elas/eles nas escolas com crianças e adolescentes. Foi muito importante entender como esse público descreve situações vividas ou observadas em situações de violência dentro e fora da escola.

Em 2008, então com um projeto apoiado pelo CNPq, denominado “*Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças*” (2008-2012), realizei coleta e análise de livros infantis e iniciei a pesquisa com crianças, conforme já exposto. O trabalho marcou de fato minha incursão com elas, tanto que, depois disso, nunca mais deixei de ter esses momentos coletivos de aprendizagem nas escolas. O segundo eixo, que constava da metodologia com

as crianças, foi realizado em escola pública municipal na cidade de Campo Grande, oportunidade em que pretendia coletar falas e concepções de crianças sobre livros com o objetivo de produzir coletivamente um livro para a infância e, posteriormente, um filme de animação.

Em seguida, foi realizada a pesquisa “*Representações de violência dentro e fora da escola nas vozes de crianças*” (2012-2013). Esta investigação se originou de duas outras: uma, sobre “*Violência contra crianças e adolescentes*”, e outra, sobre “*Gênero e sexualidade em livros infantis*”. O propósito foi analisar as concepções de violência contra crianças a partir de textos, ilustrações e falas de crianças, mediante questionário aberto (com duas questões a serem desenhadas e escritas, uma das quais sobre violência contra a criança vivida/presenciada no contexto escolar, e outra, fora da escola), afora outros elementos coletados em encontros sistematizados com esse público. Isto foi feito com um público de idade média entre 9 e 12 anos, estudantes dos 5º anos do ensino fundamental de escola pública de Campo Grande/MS. Na pesquisa, construímos coletivamente materiais educativos (livros e filmes de animação<sup>4</sup>), com vistas a socializar e discutir as informações para o público infantil e sobre elas refletir. Pretendeu-se, com isso, construir um instrumento de diálogo com um público de iguais para estabelecer troca de conhecimentos entre as crianças, delas entre si e as pessoas adultas, promovendo conhecimentos a partir da cultura delas.

Do ano de 2014 até o momento, realizamos, juntamente com os projetos de extensão nas escolas, as seguintes pesquisas: “*Gênero, violência contra crianças e direitos humanos: brincar de pensar, de ser e de fazer cinema*” (2014 a 2017); “*Violência contra crianças e direitos humanos: brincar de pensar e fazer cinema*” (2017-2019). Esses projetos tiveram por propósito conhecer os saberes das crianças sobre as temáticas das violências e dos direitos humanos para, posteriormente, produzir materiais educativos com e para elas.

<sup>4</sup> Livros para a infância produzidos nos projetos: XAVIER, Tina. *As aventuras da Princesa Pantaneira*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2012. 36p.; XAVIER, Tina. *Do meu corpo eu cuido e protejo*. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014. [Livro infantil]. 27 p.; XAVIER, Tina. *Meninas e meninos têm direitos*. Ilustrações crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014. [Livro infantil]. 31 p.; XAVIER, Tina. *Princesa Pantaneira em: brincando no mundo mágico do cinema*. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014. [Livro infantil]. 29 p. XAVIER, Tina. *Viver sem violência é um direito*. Ilustrações crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014. [Livro infantil]. 30 p.

Filmes de animação: *Jéssica e Júnior no mundo das cores* (3 min, 2010); *Ser criança em Campo Grande: um documentário animado* (6 min, 2011); *A Princesa Pantaneira* (9 min, 2012); *Queityléia em perigos reais* (9 min, 2012); *Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica* (9 min, 2013); *João e Maria: dos contos à realidade* (9 min, 2013); *Cantando os direitos das crianças* (10 min, 2016); *Eu protejo o meu corpo* (8 min, 2017); *Mariquinha no mundo da imaginação* (10 min, 2018); *Princesa Pantaneira YouTuber* (4 min, 2020); *Princesa Pantaneira responde: cinema?* (10 min, 2020); *Brincar de fazer cinema com crianças* (10 min, 2020).

Redes sociais: Youtube Brincar de fazer cinema - <https://www.youtube.com/channel/UC8G0GQobi-bfz3vp4kqyqA>;

Página do site: <https://brincardefazercinema.wixsite.com/brincardefazercinema/>

No período de abril de 2014 a abril de 2015, realizei parte do estudo da primeira pesquisa citada no Estágio de Pós-Doutorado na Unicamp, sob a supervisão do professor dr. Sílvio Gallo. Esse período constituiu uma parada na trajetória para repensar o vivido e analisar as experiências a partir da perspectiva teórica foucaultiana. Dediquei-me a discussões e a reflexões, como as de pensar questões relativas às práticas de produção de filmes com crianças e de como elas poderiam contribuir para montar os processos de sua subjetivação a partir dos conceitos de ética e estética da existência de Foucault (1985, 1997, 2004a, 2004b, 2014).

Com última pesquisa – “*Encontros com o cinema nas experiências de fazer filme de animação com crianças*” (2019-2020) –, realizada no segundo estágio do pós-doutorado, realizado na Unirio, com supervisão da professora dra. Adriana Hoffmann, pretendi voltar meu foco mais especificamente para experiências vividas com as crianças no processo de produção dos filmes, como igualmente para o de encontrar pessoas que, como eu, tivessem e sentissem desejo de se encontrar com as crianças para desenvolver projetos. O tema mais abrangente da investigação foi o de cinema e educação – experiências de encontro com o cinema; como objeto do estudo, as narrativas de professoras/es-cineastas, brasileiras/os e portuguesas/os, sobre suas experiências de encontros com o cinema na produção de filmes de animação com crianças.

A opção metodológica para o pretendido questionamento foi a de entrevistas semiestruturadas, que ocorreram, primeiramente, em Portugal, e, posteriormente, no Brasil. Investigar esses dois espaços se deveu à oportunidade de pensar realidades que nos aproximam pela língua e também para evidenciar o que nos distancia, ou nos distingue. A escolha por Portugal teve também por motivo conhecer experiências<sup>5</sup> de instituições que produzem filmes com crianças, o que explica o interesse em ampliar os conhecimentos da realidade daquele país. Denominei os sujeitos da pesquisa como *professora/or-cineasta*, tanto à/ao profissional que atua como docente em escola pública e/ou em projeto educativo, quanto à/ao profissional de outra instituição, docente ou não, que desenvolve ações/projetos com crianças em escolas públicas, e, de preferência, sem a cobertura financeira da criança ou de sua família para participar das ações, seja aqui quanto lá.

Nesse estudo, comecei as pesquisas empíricas em Portugal, onde entrevistei 15 professoras/es-cineastas, e, no Brasil, 12 pessoas.<sup>6</sup> A fim de observar critérios equânimes, selecionei para a pesquisa

<sup>5</sup> No ano de 2010, em licença-capacitação de três meses, pude acompanhar o processo de produção de filmes com crianças em escolas portuguesas, desenvolvido pela instituição Anilupa, no Porto. Tal experiência me estimulou a ampliar o conhecimento de projetos análogos desenvolvidos em Portugal.

<sup>6</sup> As outras entrevistas comporão as fontes de outra pesquisa a ser realizada na UFMS, a partir deste ano de 2021. Parte da pesquisa também foi realizada na Espanha, onde também entrevistei profissionais que produzem filmes de animação

12 profissionais de cada país. No entanto, devido ao tempo exíguo do estágio de pós-doutorado, reduzi o número de selecionadas/os a apenas duas pessoas por país (em Portugal: um professor de artes e uma professora da área de humanidades que atua na escola; no Brasil: uma professora da educação básica e um cineasta). Das duas pessoas entrevistadas em cada país, uma desenvolve suas ações profissionais no espaço escolar e a outra, numa instituição extraescolar. As demais informações coletadas farão parte de outra pesquisa, sob minha coordenação, que será cadastrada e desenvolvida a partir do segundo semestre de 2021 na UFMS.

### PESQUISAS OUTRAS NO ÂMBITO DO GEPSEX

Minhas atuações no mestrado em Educação, nos programas de pós-graduação da UFMS, ocorreram no Programa de Pós-Graduação em Educação no *campus* de Campo Grande e no Programa de Pós-Graduação do *campus* do Pantanal, em Corumbá. Passo a descrever as pesquisas que orientei e com as quais estive profundamente comprometida e entrelaçada.

No programa de Campo Grande, tive a orientação de Daniel Delmanto (2009), com a dissertação *Culturas juvenis na escola: práticas sociais e constituições identitárias – espaços outros* (2009). A pesquisa teve por objetivo observar como as/os jovens resistem às normas disciplinares de uma escola pública nessa cidade. Apesar da vigilância sobre os corpos de meninas e meninos e da cobrança para comportarem como se espera de uma masculinidade e de uma feminilidade hegemônicas, elas/eles escapavam às normas, produzindo outras formas de ser no cotidiano escolar. Estas resistências são interessantes para pensar as dinâmicas relacionais nas práticas cotidianas das instituições educativas.

As pesquisas na pós-graduação em Educação no *campus* de Corumbá, na UFMS, se conjugaram a duas linhas de pesquisa das quais fiz parte nos últimos anos: *Formação de educadores/as e diversidades* e *Gênero e sexualidades, cultura, educação e saúde*. As pesquisas<sup>7</sup> foram as seguintes:

- a) *Representações de gênero nas falas das professoras da pré-escola e primeiro ano do Ensino Fundamental que atuam no município de Corumbá/MS*, dissertação de mestrado defendida por Valéria Lopes dos Santos no ano de 2011. O estudo analisou as representações de gênero nas falas das professoras da pré-escola e do

---

com crianças. Em Barcelona, para ampliação de conhecimentos, realizei, em La Academia de Animación, o curso *Animação em Stop Motion*.

<sup>7</sup> Todas as dissertações estão disponíveis para *download* em <https://ppgecpn.ufms.br/category/producao-academica/dissertacoes/> Acesso em: 26 jun. 2021.

primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Corumbá/MS, buscando compreender as correlações entre representações de gênero e sexualidade, bem como entender em que medida tais representações produzem práticas pedagógicas.

- b) *Modos de subjetivação feminina na revista Atrevidinha: estratégias de charme, beleza e atitude para as meninas* (2014), de Cristine Novaes Barbosa da Rocha (*in memoriam*), que buscou analisar o artefato cultural da revista *Atrevidinha*, destinada a um público de meninas, para analisar seus dispositivos pedagógicos.
- c) *A infância sexuada e generificada nos documentos legais e oficiais vigentes no Brasil* (2014), de Samanta Felisberto Teixeira, que buscou coletar documentos legais e oficiais relativos a crianças, sexualidade e gênero; identificar a infância sexuada e generificada nos documentos e, por fim, analisar como ocorre a constituição da infância.
- d) *Corpos e gênero: representações das crianças de uma instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência intelectual e múltipla do município de Corumbá/MS* (2014), de Roberta de Oliveira Maisatto. O propósito da pesquisa foi investigar as representações de um grupo de crianças, com as referidas deficiências, sobre os temas corpo e gênero em uma instituição especializada no atendimento a pessoas com deficiência no município de Corumbá/MS.
- e) *Filmes de animação da Barbie: normatizações e resistências aos modelos de feminilidade*, defendida, em 2015, por Telma Iara Bacarin. O estudo teve por objetivo identificar, nos filmes de animação da Barbie, as possibilidades de vivências de feminilidades, bem como as possibilidades de resistência a um modelo único de vivência do ser feminino.
- f) *As feminilidades nos livros para a infância do acervo das obras complementares do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (2015), de Francisca Alves da Silva Stefanelli. A pesquisa teve por objetivo identificar a constituição de feminilidades nos livros para a infância que fazem parte dos acervos das obras complementares do *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (Pnaic).
- g) *Violência sexual contra meninos no município de Corumbá/MS, no período de 2006 a 2015* (2017), de Samuel da Silva Souza, teve como intuito analisar casos de violência sexual de meninos em boletins de ocorrência de delegacias especializadas na cidade de Corumbá/MS.
- h) *As pedagogias de gênero e de sexualidades no desenho animado Steven Universo* (2021), de Victória Nobica Marques do Nascimento. A pesquisa teve por base as metodologias pós-críticas em educação e seguiu o percurso teórico-metodológico da etnografia de tela. Foram selecionados, para análise, os episódios de roteiro da série animada Steven Universo, focando nas seis personagens principais do desenho, para identificar as pedagogias produzidas nos episódios da série.
- i) *As identidades de gênero da criança e sua relação com a escola produzidas pelo blog oficial e projetos de lei do “Escola sem Partido”* (2021), de Yasmin Serra Lino, cujo objetivo geral foi problematizar que

identidades de gênero da criança são produzidas pela “Escola sem Partido” no *blog* oficial e projetos de lei apresentados em municípios do Mato Grosso do Sul, e sua relação com a escola.

## **PRÁTICAS E ESCOLHAS TEÓRICO-POLÍTICO-ACADÊMICAS DE PESQUISAR NAS TEMÁTICAS DAS SEXUALIDADES E DOS GÊNEROS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO: RESPEITO A COISAS ‘DESIMPORTANTES’ PARA ‘DESVER’ O MUNDO**

O meu e o nosso fazer pesquisa esteve ligado a minha/nossas práticas teórico-político-acadêmicas. O que nos tocou profundamente é considerado por muita gente como “desimportante”, “desqualificável”, “indecente”, “imoral”, “dispensável”, “pecaminoso”...

Dentre tantos percursos teórico-metodológicos que empreendi durante a minha trajetória de pesquisadora e orientadora, já destacados ao expor as investigações realizadas, passo a descrever alguns outros que nos possibilitaram realizar estudos e pesquisas nessas temáticas na perspectiva pós-estruturalista. Destaco e comento para enfatizar e legitimar o que a mim e a outras participantes move nesse terreno, tão mal interpretado, na atualidade, por muitos setores reacionários e (ultra)conservadores. Muitos desses aspectos fizeram parte dos meus escritos, alguns em artigos por mim escritos e publicados entre os anos de 2016 e 2020.

- a) Dentre os que nos possibilitaram realizar estudos e pesquisas sobre temáticas em torno de sexualidades e gêneros no campo da educação, o que nos tocou profundamente foram a discussão e a problematização de uma cultura que instiga e produz práticas homo-lesbo-transfóbicas (LGBTfóbicas), sexistas, misóginas, machistas, racistas, e tantas outras violências contra qualquer ser humano, ferindo a sua condição básica de dignidade humana.
- b) As práticas da produção das diferenças que geram exclusões e violências nos tocaram e nos fazem/fizeram pesquisar. Elas são traduzidas em práticas culturais de violência contra a pessoa considerada “diferente”. Trata-se, portanto, de ações e atitudes construídas social e historicamente. Nada há de “natural” nessa forma de pensar e de se conduzir. O próprio conceito de normalidade parte dessa premissa, ou seja, também é construído.
- c) Em nossa sociedade, a norma se tornou a do “homem, branco, jovem, heterossexual, cristão, economicamente bem-sucedido, urbano e sem deficiência”. Tudo o que não está dentro dessas categorias é considerado desvio, fora do padrão e da norma. Demanda, portanto, ser tratada/o, modificada/o, normalizada/o. Questionar as normatizações, discutir as marcas das diferenças são para nós possibilidades acadêmicas de estudo.
- d) Urge pensar que o corpo também não é “natural”, da mesma forma que a sexualidade não o é. O corpo não é um mero substrato biológico, tal como a sexualidade não é algo intrinsecamente relacionado ao ato sexual, aspecto ligado a assunto privado e íntimo, conforme apontam os estudos de Louro (2000). São assuntos

profundamente marcados por questões culturais, sociais, históricas e políticas. O conceito de beleza corporal é constantemente colocado em disputa na sociedade. O que é considerado um corpo feminino e belo, nos dias de hoje, já foi considerado, há algumas décadas, como feio, desqualificável e indesejável. Pensar sobre os efeitos desses aspectos nos corpos de meninas e mulheres nos leva a pensar em formas de desconstruir os ideais de beleza e de formas que o corpo, sobretudo o feminino, regido por discursos hegemônicos e heteronormativos, acaba por ser relegado a objeto de discursos masculinos e de outras instâncias – como a ciência e a religião.

- e) Em minha/nossa trajetória, o conceito de Gênero se tem mostrado fundamental como categoria teórica, política e analítica. Os Estudos de Gênero têm origem nos movimentos sociais, especificamente nos movimentos feministas, e passaram a ser utilizados, segundo os estudos de Guacira Lopes Louro (2000), como categoria analítica e política nas pesquisas acadêmicas brasileiras na década de 80. O Gênero é uma construção social que incide sobre os corpos. É utilizado em meus/nossos estudos como campo político e teórico, e também como um conceito potente para questionar as desigualdades entre as pessoas ‘lidas’, ou ‘tidas’, como masculinas e femininas. O conceito de Gênero, como elemento organizador da cultura, possibilita examinar os diferentes modos pelos quais ele opera na cultura e no social. Assim, o conceito “engloba todos os processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (MEYER, 2012, p. 51). O conceito de identidade de gêneros também nos tem ocupado para pensar as vivências de pessoas transgêneras nos espaços escolares, com vistas a estudar a afirmação e o respeito às suas dignidades, e sobre isso dialogar. O desafio teórico imposto nos últimos anos é pensar o gênero para além do binarismo do masculino e feminino. Os estudos de Butler (2003) nos instigaram a pensar para além dessas duas únicas possibilidades, mesmo pensando que entre masculino/feminino há um leque enorme de possibilidades de ser, porque pensamos no plural, ou seja, nas múltiplas e diversas formas de ser masculino e feminino. Mesmo assim, nos últimos anos temos pensado os gêneros como possibilidades múltiplas de ser entre pessoas que se consideram a-gênero, gênero fluido, não-binário, afora tantas outras possibilidades de a pessoa se considerar, seja na fronteira, fora dela, negando-se a pertencer a qualquer gênero. Esse alargamento conceitual tem sido um desafio para pensar o sujeito se constituindo cada vez mais de forma múltipla, apartado de seu corpo biológico, ou da ideia da Biologia.
- f) Louro (2000) assegura que “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas social e política”, e que ela é “aprendida” (2000, p. 61). Contrariando a opinião de muitas pessoas de que a sexualidade seja assunto privado, individual ou de cunho estritamente familiar, a autora afirma serem esses assuntos preponderantemente sociais e políticos. Comprovam-no as últimas e acaloradas discussões de alguns grupos religiosos contrários à inclusão do termo gênero(s) nos planos (nacional, estaduais e municipais) de educação nos inúmeros recantos deste país, ou das pessoas que acreditam em termos como ‘ideologia de gênero’, ou de que esses assuntos não devam ser tratados na escola, esquecendo-se de que gêneros e

sexualidades fazem parte da vida dos sujeitos e por isso podem fazer parte de discussões curriculares e extra-curriculares nas instituições educativas.

- g) O já citado argumento de Louro (2000) é importante para se discutir e também para se reforçar a necessidade da presença da temática nas instituições educativas. Ouvimos que as escolas não devem tratar desses temas porque, por serem de cunho privado, devem ser exclusivamente discutidos pelas famílias. Discordamos desse ponto de vista. Esses temas são profundamente políticos, culturais e sociais; além disso, são amplamente discutidos e “ensinados” nas mais diversas instâncias sociais pelas pedagogias culturais; portanto, também devem ser assunto de escola.
- h) As escolas públicas são instituições laicas, previstas na Constituição Federal de 1988; portanto, não devem professar nenhuma fé em específico (direito assegurado em seus artigos 5º e 19), por serem espaços de livre pensamento sobre todo e qualquer assunto, respeitadas as condições cognitivas de cada criança. Deve-se respeitar a multiplicidade religiosa, mas nenhuma crença deve ser imposta como verdadeira e única. Nenhuma crença religiosa tem o direito de interferir sobre assuntos a serem pedagogicamente trabalhados na escola segundo a lei vigente em nosso país.
- i) Em nossa trajetória de estudos, ensino, pesquisas e extensão, demos destaque a sexualidades e gêneros no campo da educação. Os caminhos teórico-metodológicos que fomos construindo no decorrer dos anos nos levaram aos pressupostos dos Estudos Feministas, dos Estudos de Gênero, dos Estudos Culturais e dos estudos foucaultianos, numa perspectiva pós-estruturalista de conhecer. Nessa direção, reafirmamos que se trata de pesquisas “encarnadas” na prática e desenvolvidas numa discussão que envolve violação de direitos humanos de pessoas consideradas socialmente “desimportantes”, aliás, que sequer são consideradas humanas. Entendemos que nada existe fora dos sistemas de significação da linguagem. Silva (2003) destaca que “o signo não coincide com a coisa ou o conceito” (SILVA, 2003, p. 78). A linguagem, como sistema de significação, é instável por ser, quase sempre, arbitrária, inventada sobre algo, objeto ou conceito. Por isso mesmo, advogamos em nossas pesquisas pela transitoriedade do conhecimento científico, bem como pelo questionamento dos significados da linguagem na produção de realidades e subjetividades, com vistas a desconstruí-las.
- j) Endossando as posições de Meyer (2012), pretendemos, em nossas pesquisas pós-críticas: questionar as verdades únicas e “duvidar do instituído”; “abrir mão de sentidos e conceitos homogêneos e fixos para explorar sua multiplicidade e provisoriedade”; abrir mão de enfoques teóricos de caráter prescritivo do conhecimento; priorizar o micro em detrimento das meta-narrativas; “estranhar o que é aceito como normal, desnaturalizando-o, e familiarizar-se com o estranho, (re)conhecendo a interdependência desses movimentos” (2012, p. 57- 58).
- k) As pesquisas feministas trazem contribuições importantes para nossas investigações. Dentre elas, as de: questionar a objetividade das pesquisas e trazer a subjetividade da/o pesquisadora/o como aspecto preponderante para os estudos; de a/o pesquisadora/o trazer para análise sua subjetividade, que irá

contribuir para a compreensão do problema e de posteriores discussões teóricas; implodir os binarismos de gênero, os preceitos heteronormativos<sup>8</sup> que produzem práticas e sujeitos. As normas rígidas e as verdades únicas para pensar as sexualidades e os gêneros são desafios constantes em nossas práticas pedagógicas e de pesquisa, que também se constituem como preceitos éticos e políticos.

- l) As pedagogias culturais também têm sido conceito importante oriundo dos Estudos Culturais que nos ajudam a pensar nas múltiplas formas de entender o conceito plural de educação, que não ocorre somente nas instituições educativas. Os artefatos culturais, como filmes, livros, brinquedos, materiais escolares, livros didáticos, e tantos outros com que as crianças convivem e/ou que consomem, têm muito a dizer e foram analisados em nossas pesquisas. Além disso, tivemos como proposta produzir alguns artefatos culturais que nos levaram a pensar não haver um produto cultural ‘perfeito’, por possuir marcas da cultura, embora possam, apesar disso, provocar novos pensamentos e formas de refletir.
- m) O conceito de “resistência” de Foucault nos tem, a mim e ao grupo, alimentado nesse processo. De minha parte, rendeu a escrita de alguns textos (XAVIER FILHA, 2018a; 2018b; 2019a; 2019b; 2020a; 2020b). Para entender tal conceito, necessitamos, primeiramente, pensar sobre o de poder para o filósofo. Para Foucault (1997), poder pode ser caracterizado por “multiplicidade de correlações de força” (1997, p. 88), ou, ainda, um “jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte” (1997, p. 88). Poder é “estratégia”, “efeito” (1997, p. 89). Portanto, não é algo que alguém detém, que esteja nas mãos de alguém ou do Estado. Poder se constitui nas relações, nos jogos estabelecidos entre instituições e sujeitos. O conceito é amplamente discutido e utilizado como ferramenta teórica em nossas pesquisas e estudos; é também uma atitude desenvolvida em nossas práticas de ensino-pesquisa-extensão na universidade nos microcotidianos.
- n) Por fim, embora não menos importante, acreditamos – não apenas eu, mas os membros do grupo – nas pesquisas com as crianças. As crianças fazem parte de pesquisas há muito tempo. No entanto, nem sempre na condição de sujeitos, sujeitos de direitos, atores sociais, colaboradoras, em condições de participar com voz e vez. As crianças têm algo a nos dizer; por isso, é preciso propiciar espaços e condições para as escutar como atores sociais e produtoras de cultura (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2008; KARLSSON, 2008; CRUZ, 2008; SARMENTO, 2005). Ouvir as crianças com atenção, respeitá-las a sério e propiciar espaços compartilhados de aprender levou-nos a ouvi-las em um diálogo compartilhado, recíproco e coletivo em nossas pesquisas. O desafio por nós empreendido foi estabelecer um espaço compartilhado

<sup>8</sup> “Conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores da heterossexualidade como a única forma legítima e natural de expressão identitária e sexual, que faz com que a homossexualidade, a transgeneridade e as práticas sexuais não reprodutivas sejam vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado. Como explica Judith Butler, a imposição de heteronormatividade se vincula a processos de produção de corpos, sujeitos e identidades coerentemente sintonizados com a seqüência sexo-gênero-sexualidade. [...]. Assim, a heteronormatividade reforça as concepções binárias e as normas de gênero, e a produção da seqüência heteronormativa sexo-gênero-sexualidade obedece à lógica da produção de corpos e desejos obrigatoriamente heterossexuais (‘heterossexualização compulsória’)” (CARVALHO, ANDRADE, JUNQUEIRA, 2009, p. 20-21).

entre pessoas adultas e crianças, entre crianças-crianças, enfim, entre seres humanos. Durante nossos encontros, pudemos e tentamos realizar essas possibilidades; pudemos realizar encontros mais próximos e menos hierarquizados entre pessoas adultas e crianças.

## RESPEITO A COISAS ‘DESIMPORTANTES’ PARA ‘DESVER’ O MUNDO

Iniciei o presente escrito com a poesia do amado e saudoso Manoel de Barros. Para concluir este artigo da trajetória das minhas/nossas pesquisas e atuações teórico-políticas-acadêmicas no âmbito do Gepsex, retomo algumas de suas palavras. Tinha como intuito, ao fazer pesquisas o aprofundamento teórico mas também “brincar com as palavras”, de fazer “traquinagem com a imaginação” e de “desver o mundo”. Vejo-me, em minha trajetória de pesquisadora e educadora, bem como na trajetória coletiva – a do grupo de estudos e pesquisas comprometido com as questões teóricas das sexualidades e gêneros –, empenhada em contribuir para a construção de um mundo mais igualitário e equânime. Busco, com as/os integrantes do Gepsex, “desver o mundo”, pensá-lo de outra forma, tentando desarranjá-lo, forjando novas maneiras de lidar com o “mundo” feito de regras e normas que dificultam aos seres humanos tornar-se sujeitos plurais e múltiplos. “Desver o mundo” é tentar desestabilizar verdades rígidas, tradicionais, inalteráveis; é permitir-se ver as coisas de outros ângulos, colocar em xeque determinadas normas ou posições e dar abertura ao novo, a novas aprendizagens, a novas experiências, a novas ‘traquinagens’ com o pensamento e com a vida. Este é um desafio constante que busquei empreender em minha função nas inúmeras pesquisas que coordenei e orientei, problematizando palavras e teorias, perturbando “o sentido normal das ideias”, questionando o que é dado como natural e normal. Também tive e tenho como firme o propósito de respeitar o que, por muitas pessoas, especialmente nos dias atuais, por parte da sociedade que é ultrarreacionária, é considerado coisa ‘desimportante’ e dar atenção aos ‘seres desimportantes’, como os priorizava o poeta. Comprometemo-nos com as minorias, com as crianças, com as mulheres, com as pessoas LGBTQIA+ para ‘transver’ o mundo e torná-lo um pouco mais ‘vivível’ e digno.

## REFERÊNCIAS

BACARIN, Telma Iara. **Filmes de animação da Barbie: normatizações e resistências aos modelos de feminilidade**. Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação* – CPAN-UFMS, 2015. [Dissertação de Mestrado]

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya Brasil, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de.; ANDRADE, Fernando César Bezerra de.; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual: um glossário**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala**. São Paulo: Cortez, 2008.

DELMANTO, Daniel Galvão Rosa. **Culturas jovens na escola: práticas sociais e constituições identitárias – espaços outros**. Campo Grande, MS: *Programa de Pós-Graduação em Educação*, 2009. [Dissertação de Mestrado]

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3. O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1. a vontade de saber**. Vol. I. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Coleção Ditos & Escritos (volume V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 264-287.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2. O uso dos prazeres**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

KARLSSON, L. Tecendo histórias com crianças: uma chave para ouvir e compartilhar. In: Cruz, S. H. V. (Org.). **A criança fala**. São Paulo: Cortez, 2008.

LINO, Yasmin Serra. **As identidades de gênero da criança e sua relação com a escola produzidas pelo blog oficial e projetos de lei do “Escola sem Partido”**. Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação – CPAN-UFMS*, 2021. [Dissertação de Mestrado]

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

MAISATTO, Roberta de Oliveira. **Corpos e gênero: olhares das crianças de uma escola especializada no atendimento às pessoas com deficiência intelectual e múltipla no município de Corumbá/MS**. Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação – CPAN-UFMS*, 2014. [Dissertação de Mestrado]

MEYER, D. E. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NASCIMENTO, Victória Nobica Marques do. **As pedagogias de gênero e sexualidades no desenho animado Steven Universo**. Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação – CPAN-UFMS*, 2021. [Dissertação de Mestrado]

ROCHA, Cristine Novaes Barbosa da. **Modos de subjetivação feminina na revista *Atrevidinha*: estratégias de charme, beleza e atitudes para as meninas.** Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação – CPAN-UFMS*, 2016. [Dissertação de Mestrado] [*in memoriam*]

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, Maio/Ago., 2005, p. 361-378.

SANTOS, Valéria Lopes dos. **Representações de gênero nas falas das professoras da pré-escola e primeiro ano do ensino fundamental que atuam no município de Corumbá/MS.** Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação – CPAN-UFMS*, 2011. [Dissertação de Mestrado]

SILVA, J. P. da, BARBOSA, S. N. F. B., KRAMER, S. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: Cruz, S. H. V. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença.** 2 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

STEFANELLI, Francisca Alves da Silva. **As feminilidades nos livros para a infância do acervo de obras complementares do programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.** Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação – CPAN-UFMS*, 2015. [Dissertação de Mestrado]

SOUZA, Samuel da Silva. **Violência sexual contra meninos no município de Corumbá/MS (2006-2015).** Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação – CPAN-UFMS*, 2017. [Dissertação de Mestrado]

TEIXEIRA, Samanta Felisberto. **A infância sexuada e generificada nos documentos legais e oficiais vigentes no Brasil.** Corumbá, MS: UFMS, *Programa de Pós-Graduação em Educação – CPAN-UFMS*, 2014. [Dissertação de Mestrado]

XAVIER FILHA, Constantina. Direitos humanos na base nacional comum curricular: resistências para o trabalho docente. In: **Diversidade e Educação.** Universidade do Rio Grande, 2020a. Vol. 8, n. 1, janeiro/junho 2020a. P. 144 a 161.

XAVIER FILHA, Constantina. Encontros com o cinema de animação e com crianças na produção de filmes sobre direitos humanos. In: **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais – LAV,** Universidade Federal de Santa Maria, 2020b. Vol. 13, n. 2, maio/agosto, 2020b.

XAVIER FILHA, Constantina. Brincar de fazer cinema com crianças: pensar em si e no mundo, fazer cinema brincando e o exercício do pensamento. In: **Revista Cocar.** Edição Especial N.5. Jan./Abr./2019a p. 75-98. [Dossiê: Linguagens e produções de sentidos como saberes culturais e práticas educativas].

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para as sexualidades e gêneros como direitos para a criança nas instituições educativas. In: MACHADO, Raimunda Nonata da Silva; SILVA, Sirlene Mota

Pinheiro da (Orgs.). **Vozes epistêmicas e saberes plurais: gênero, afrodescendência e sexualidade na educação**. São Luís, MA: EDUFMA, 2019b. p. 169 a 184.

XAVIER FILHA, Constantina. Brincar de fazer cinema com crianças: (des)propósitos, desafios e resistências em projeto de extensão. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação**. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2018a. p. 89-104.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero e sexualidade na infância: construção de pânico morais. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Orgs.). **Interloquções sobre gêneros e sexualidades na educação**. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2018b. p. 123 a 140

XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidades e gênero como campos teórico-políticos: desejo de “desver” o mundo. In: FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira; LIBÂNEO, José Carlos. **Pós-graduação e pesquisa em educação: contradições e desafios para a transformação social**. Goiânia, GO: Editora PUC Goiás, 2016a.

XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidades e gênero: o respeito às coisas consideradas ‘desimportantes’ para ‘desver’ o mundo. In: SILVA, Fabiany de Cássia Tavares; MIRANDA, Marília Gouvea de (Org.). **Escrita da pesquisa em educação no Centro-Oeste**. Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2016b.

XAVIER FILHA, Constantina; STEFANELLI, Francisca Alves da Silva; SOUZA, Samuel da Silva. Sexualidades e gênero em pesquisas: respeito às coisas consideradas ‘desimportantes’ para ‘desver’ e ‘transver’ o mundo. In: MARTINS, Bárbara Amaral; Rückert, Fabiano Quadros; SANTOS, Fabiano Antonio (Orgs.). **Temas e práticas em educação social no estado de Mato Grosso do Sul**. Curitiba [PR]: CRV, 2020.